Ano IX — Lisboa, 18 de Janeiro de 1934 — N.º 417

DIRECTOR AUGUSTO — SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL O SECULO — DE SANTA RITA

A LEBRE ESTAPAFÚRDIA E A TARTARUGA

Por LEONOR DE CAMPOS

Desenhos de A. CASTAÑÉ

A lebre, toda esbaforida, foi chamar á porta a sua vizinha de Água Dôce:

«D. Tartaruga! D. Tartaruga!»

«Quem me c' na?»

«Eu, a Lebre Estapafúrdia!...»

«Que deseja vizinha?» — preguntou D. Tartaruga, abrindo a porta do seu buraquinho e deitando a cabeça fora da concha.

«Venho pedir-lhe um favor — respondeu a Lebre. — Acabo de receber convite do meu compadre Pintassilgo, para uma grande festa que, amanhã, se realiza. O programa é de mão cheia: canta o meu compadre, dansam as Manas Borboletas, o ilustre Mosquito toca rabeca e há um solo de flauta pelo distinto Grilo. E'-me impossivel faltar, tratando-se de festa tão maravilhosa. Não concorda?»

«Decerto, vizinha !...»

«E então lembrei-me de vir pedir á minha amiga o favor de me vigiar a casa. Cortei há tempos relações com o guarda nocturno Pirilampo. Porisso, se a vizinha não atender o meu pedido, terei que ir bater a outra porta!...»

«Olhe, vizinha ! — respondeu D. Tartaruga: Eu cá, como não sou de reserva, teria muito prazer em lhe ser agradável, apesar das troças e risinhos com que a senhora Lebre costuma mimosear-me Mas, não posso fazê-lo, porque também recebi um convite do senhor Pintassilgo para a mesma festa...»

«E a senhora vai?!...»

«Porque não?»

«Tão longe... e sem carreiras de «camionettes»... A D. Tartaruga anda tão devagarinho!...»

«Ora, ora, vizinha!... Devagar se vai ao longe!... E agora, se me dá licença, vou tratar da vida e dos preparativos da viágem. Estou a arranjar a merendinha.»

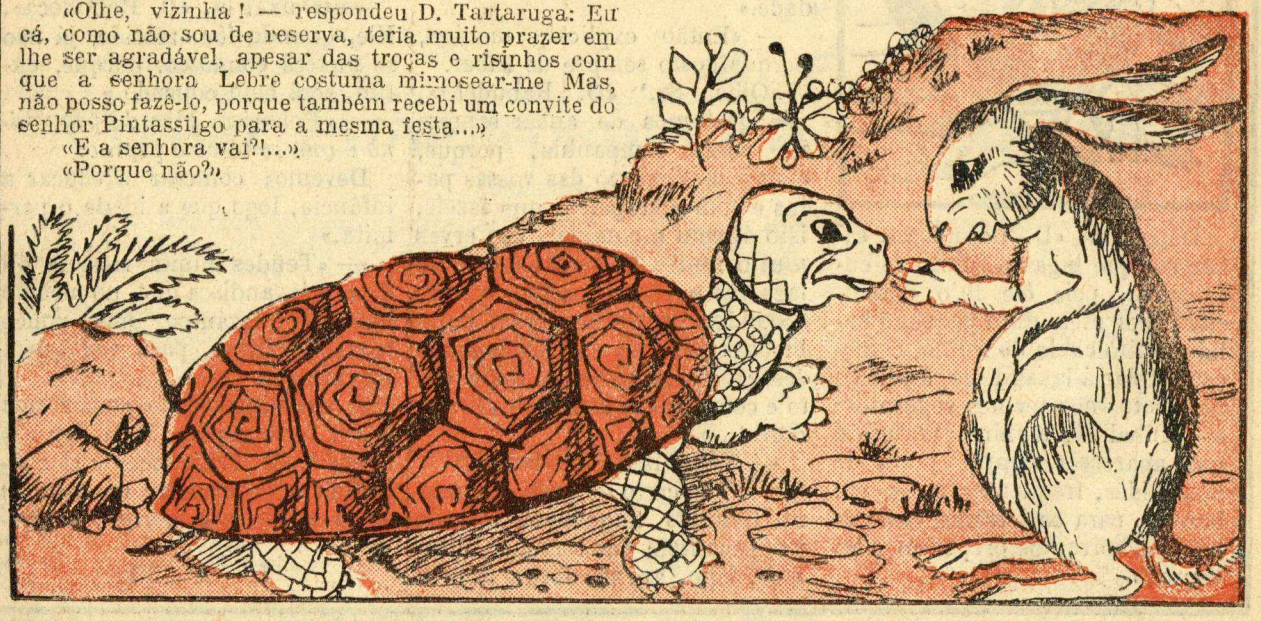
«Ah ! Ah ! Ah !... Ah ! Ah ! Ah !... — e a Lebre quási se engasgava, a rir. — Essa da merenda é muito boa !... Não lhe basta o pêso da sua concha !...Arranjou ainda contrapêso !... Que rica piada !...»

«A concha que trago ás costas é minha. Não devo nada a ninguém!... — respondeu, muito ofendida, D. Tartaruga — Meta-se na sua vida e deixe a dos outros... Boa tarde !...»

E preparava-se para lhe fechar a porta no focinho. Mas a lebre, disposta a troçar a pobre Tartaruga, fingiu-se arrependida e gritou:

«Vizinha, vizinha, não se zangue! Não queria ofendê-la !... Tenho por si muita consideração ! E

(Continua na página 3)



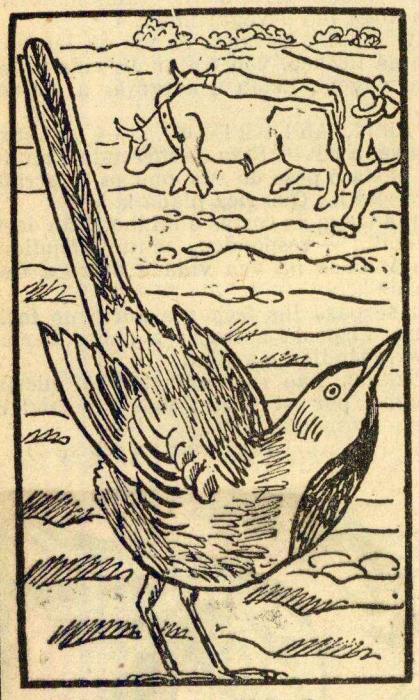
A CURIOSIDADE DE DONA RABUDOCA

Por JOSÉ AUGUSTO DO VALE — Desenhos de A. CASTAÑÉ

Andava um bando de alvéolas ou lavandiscas entre um rebanho de ovelhas, junto ás margens duma ribeira.

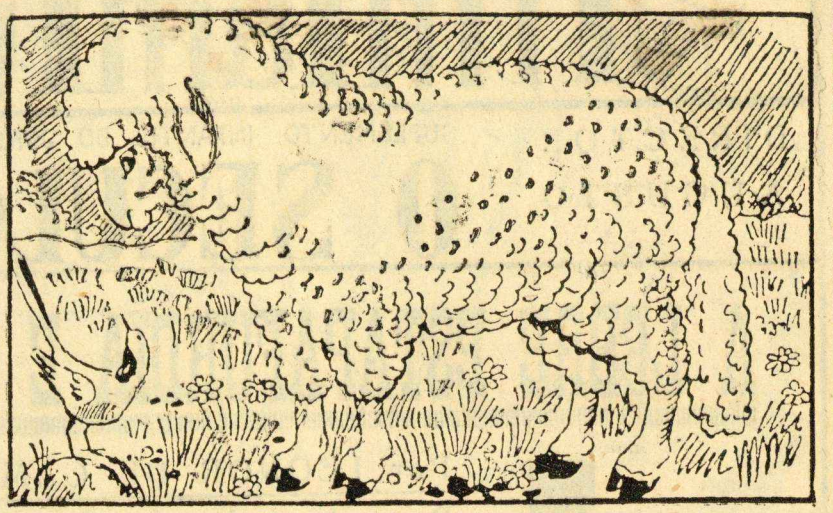
Em dado momento, quando uma das ovelhas soltava um afectuoso balido, chamando o seu filhito que dormia, a sono sôlto, junto duns fetos alourados, gosando os acariciadores raios do sol, notou que uma das lavandiscas, quási toda amarelinha, como um canário, lhe pousou em cima do lombo e desceu, em seguida, para junto da relva onde ela pastava.

Esta ovelha era conhecida, por todos os animais que a rodeavam, pelo nome de — «D. Rabudoca», devido á comprida cauda que a enfeitava.



Depois da «D. Rabudoca» saber em que lugar o filhito se encontrava, pois êle lh'o denunciara, por meio dum pequeno balido muito cheio de mimo, começou a falar á lavandisca, á laia de inquérito, nos termos seguintes:

— «Olhai lá, menina, porque é que apareceis sempre junto de nós e ides, freqüentes vezes, em bandos, para os terrenos onde os bois pachorrentos preparam a lavoura?»



— «D. Rabudoca», a nossa vida resume-se, apenas, em fazer bem ao lavrador e a vós».

— «Como é que isso se entende, menina?»

— «Olhai, que não é preciso grande entendimento.»

— «Pois, sim, sim... será isso verdade; mas eu é que não compreendo bem. E é, talvez, pela nossa falta de entendimento que até dizem, quando certas pessoas fazem alguma comparação:

«Bôa criatura é ela; mas é estúpida, como uma badana!...»

— «Isso é o que lhe parece, «D. Rabudoca». Muita gente diz de si, o que entende, levada, unicamente, por um excesso de maldade.»

— «Então explicai, menina, porque gosto sempre de saber.

«Olhe, Sr.ª «D. Rabudoca», nós gostamos de andar sempre na vossa companhia, porque, com o movimento das vossas patas e com o «rapeiro» que fazeis, isto é, com a comidela das ervas muito rentes da terra, descobrís lagartas e vários insectos que se escondem entre as ervas, cujos bichitos, se êles se chegassem a desenvolver, comeram o vosso pasto e comeram as searas dos lavradores!...»

— «Mas, isso é verdade?!»

— «Tão certo que nós, em nossa humilde linguágem, quando nos espantam dos terrenos, dizemos, logo, apenas levantamos o vôo: — «*O perigo; o perigo; o perigo...*»

— «Ah! isso é certo, já tenho reparado que vós dizeis sempre: — «*O perigo; o perigo; o perigo...*»

— «Pois dizemos e continuaremos sempre a dizer: *O perigo, o perigo;* como aviso a vós e ao lavrador que prepara a terra com seus bois, e em cuja lavoura fazemos, também, uma boa colheita de larvas.»

«Bem, fico inteirada dos vossos grandes serviços e hei-de dizer ao meu filhito que não torne a andar a brincar atrás de vós; pois nos livrais do *perigo* da fome.»

— «Deixai lá, «D. Rabudoca». Ele, quando fôr crescido, já não se meterá connôsco, porque, enfim, será bem educado.»

— «Pois sim. Mas *de pequenino é que se torce o pepino.*

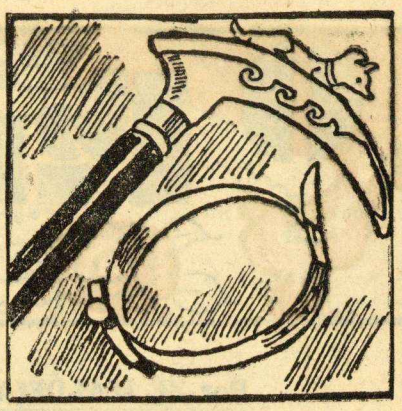
Devemos começar a educar a infância, logo que a idade o permita.»

— «Tendes muita razão.» — disse a lavandisca que, no mesmo instante, levantou um pouco mais a cabeça, para ver quem surgia.

A aproximação do pastor com o seu forte cajado, fê-la dar um adeus à «D. Rabudoca» e lá continuou a pronunciar no espaço: —«*O perigo; o perigo; o perigo...*»

FIM

CONVER SANDO...



Por FELIZ COSTA VENTURA

Desenhos de A. CASTAÑÉ

Já tenho um regimento de soldados,
do qual sou capitão.
Tenho-os todos dispostos, alinhados
em caixa de cartão.

Já tenho um reloginho de «plaqué»,
que até
correia tem para trazer no braço,
a-fim de que o menino
se não torne madraço,
saiba sempre a lição;
senão
nem o papá mo dava,
ah isso não!
Mas eu sou educado;
nunca fui malcriado
nem rabino,
pois que ficava mal a um menino fino!

Tenho, também, chapéu de papelão,
para eu comandar o batalhão,
com fita
bem bonita,
que lhe pôs a mamã.
Anh?
Pois então!

Já vou, sózinho, ao quarto do João
e já não tenho mêdo do papão.

Tomo banho no mar,
sem chorar!
Não bato o pé
quando vou para a cama
porque a ama
já ralhou ao bébé.

Já vou para o jardim passear
sem sujar
os sapatinhos novos;
com modos
de senhor «grandão».
Sim, sim,
com uma bangalinha de latão
mas que tem um bom cabo de marfim.

Agora tenho que ir já estudar,
para chegar
a ser um senhor doutor,
dos que fazem furor
na alta roda,
dos que sabem portar-se com decência,
para, quando eu passar,
me ficarem a olhar
e dizerem:
— «Que inteligência
a dêste senhor!...»

F I M

A LEBRE ESTAPAFÚRDIA E A TARTARUGA

(Continuado da página 1)

tanta, que lhe faço uma proposta: Quere ser minha companheira de viágem? Partiremos aí pelo meio dia e ás 16, hora a que começa o concerto, já lá estamos. Valeu?»

«Impossivel, senhora lebre. Como a vizinha há pouco disse, eu ando muito devagar. Nunca poderia acompanhá-la. Porisso saio ainda esta noite, para não me cansar e chegar a tempo...»

«Nêsse caso... boa viágem e não corra muito que pode cair!...»

E a lebre afastou-se aos saltos, rindo como uma patétinha.

D. Tartaruga, sem se importar com a troça da lebre, continuou a arranjar as suas coisas, preparou a merenda, colocou-a sôbre a própria concha e saiu, fechando a porta com cuidado. Foi procurar o Pirilampo e pediu-lhe:

«O senhor guarda-nocturno fará a fineza de vigiar bem a minha casa. Vou viajar e conto demorar três dias...»

«Pode ir descansada — respondeu êle. — A D. Tartaruga bem sabe que nunca apago a lanterna...»

Era ao cair da noite. Aqui, ali, além, apareciam as primeiras estrelinhas.

Dona Tartaruga pôs-se a caminho. No seu passo vagaroso andou, andou a noite inteira. De manhã tinha chegado a meio da viágem. Comeu parte da merenda, bebeu água num regato e meteu de novo patas ao caminho. Pelo meio-dia, nova parágem. Acabou de comer o farnel, descansou outro pedacito e recomeçou a marcha, enquanto pensava:

«A esta hora a vizinha Lebre sai de casa...»

E suspirando:

«Ai!... E' bem bom ser desembaraçado!...»

Faltava pouco para chegar ao local do concerto, quando a Tartaruga sentiu correr atraz de si. Voltou-se e viu a lebre, a arfar, a arfar, cansadissima.

«Eh, vizinha! — exclamou D. Tartaruga: — Já

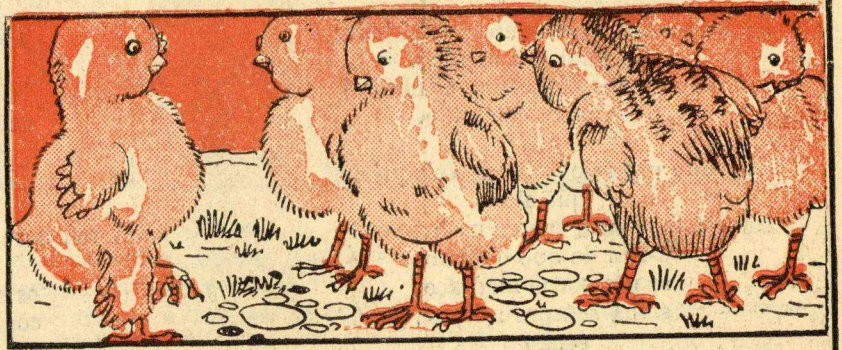
(Continúa na pág. 5)

O Pinto Calçudo

Por ZÉ D'ALDEIA — — — Desenhos DE ADOLFO CASTANE

Uma galinha pedrês
Que D. Rosa deitou,
«Có, có, có...» antes dum mês,
Catorze pintos tirou!

Uns alvos como açucenas,
Outros pedrêses, também;
Mostrando nas suas penas
A descendência da mãi.



Foram crescendo, porém,
Morrem dois; há doze só,
Sempre atrás da sua mãi
Que os chama:—«có, có, có có...»

E o pobre Pinto Calçudo
Condenado a tão má sorte,
Pela mãi, irmãos e tudo,
Por vezes pensou na morte.

Vem o tempo das ervilhas,
Já canta: — «Có-qui-ró-có...»
E os onze manos pandilhas
Que o maltratavam sem dó,

Já tinham penas. Um dia,
A mãi, ao vê-los criados,
Deu-lhes carta de alforria,
Já bastava de cuidados!...

Um a um, na caçarola,
Vão findar a sua sorte;
Só êle, todo farçola,
Escapou á negra morte!

E o pobre calçudo, então,
Ao ver-se só, mesmo ali,
Pôs ao alto o coração
E cantou:—«Qui-qui-ri-qui!...»

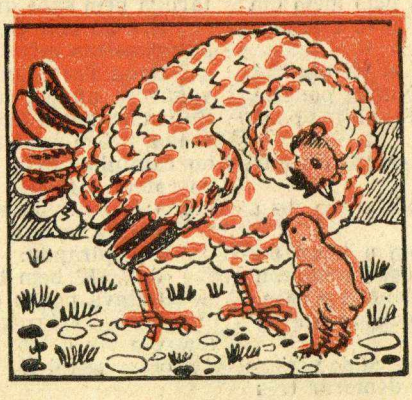
Foi o caso do patrão,
Homem bastante telhudo,
Dispensar certa afeição,
Ao pobre Pinto Calçudo!...

Tem dois meses a ninhada...
Sempre os doze, escapou tudo;
Mas, entre essa petisada,
Um dêles era calçudo!...

Encarou, bem firme, as tainas,
E disse, todo sisudo:
— «Por eu ter estas polainas,
Chamam-me Pinto Calçudo!...»

Ufano do seu poder,
Na capoeira, êle só,
Mal começa a alvorecer
Sôlta o seu «có-qui-ró-có...»

A mãi, ao ver a dif'rença,
Conforme o pinto crescia,
Dos onze na parecença,
O seu desgosto expandia.



Meninos reparei bem
Que o Destino pode tudo;
Ninguém lhe foge, ninguém,
Como êste Pinto Calçudo!...

Começou a escorraçá-lo,
Era a vergonha dos manos!...
Jámais vira assim um galo
No decorrer dos seus anos!

A Lebre Estapafúrdia e a Tartaruga

(Continuado da página 3)

estava estranhando a sua demora! Mas como vem cansada!...

«Ai, senhora vizinha! Sabe lá o que me sucedeu!... Imagine que, ao passar no Monte Belo, senti uma grande fraqueza e lembrei-me de certa ervinha que há num campo, ali perto. Fiz um pequeno desvio! E já me preparava para a saborear, quando salta de lá o maior lobo que tenho visto na minha vida!... Põe-se a correr atrás de mim e eu a fugir, a fugir!... Não lhe digo mais!... Aquilo foi correr quási até rebentar!... Mas lá consegui ver-me livre do patife! O pior foi que fiquei sem almôço e estou mesmo a cair de fraqueza!...»

«Se a vizinha seguisse os meus exemplos, poderia ter comido sossegadamente e não se cansava!...

«Alguém lhe pediu conselhos, sua lesma?» — retorquiu, muito zangada, a lebre.

«Lesma, não! Tartaruga e com muita honra!...»

«Pois, sua tartaruga, lesma, ou lá que é!... Fique-se com as suas razões e bom proveito!... Apesar de tudo, hei-de chegar primeiro que você!... Adeus!...»

E a lebre largou outra vez á desfilada.

Eram precisamente quatro horas quando D. Tartaruga chegou ao local do concerto. Este oferecia um aspecto imponente.

Dezenas de aves, insectos, reptis, animais ferozes, animais domésticos, tudo, em grande animação, chilreava, zumbia, grallava, assobiava, rugia, palrava...

O Macaco conversava amigavelmente com o Furão. O Elefante dizia segredinhos á menina Girafa. A Senhora Formiga fazia cócegas nas orelhas do Tigre.

E todos se preparavam para gosar a agradável voz do «grande» tenor Pintassilgo, as lindas dansas das elegantes manas Borboletas e a arte superior de mestres Mosquito e Grilo.

Dona Tartaruga foi procurar ao pátio o tenor Pintassilgo. Depois dos cumprimentos e agradecimentos, êste preguntou:

«E a minha querida comadre D. Lebre, não vem?»

Dona Tartaruga, muito espantada, indagou:

«Então ela ainda cá não está?»

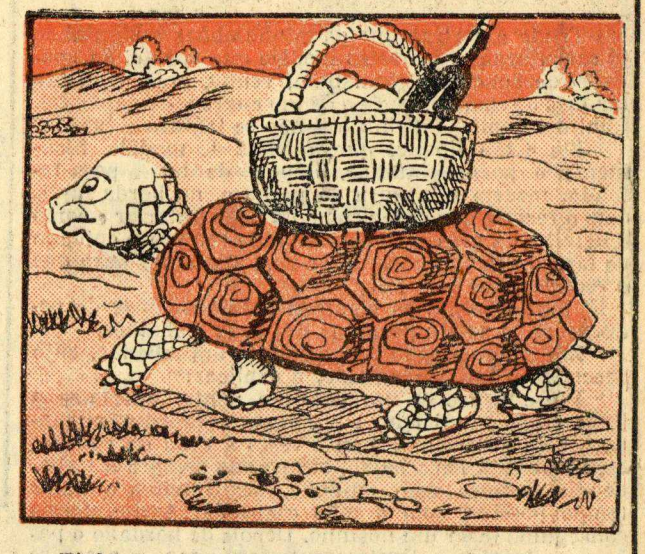
«Decerto, não. Se tivesse chegado, já teria vindo cumprimentar-me...»

Ai, senhor Pintassilgo!... Sucedeu-lhe alguma, pela certa. A sua comadre, há muito, já devia aqui estar!... Palavra de tartaruga!...»

O Pintassilgo ficou aflitissimo. Chegou á beira do palco e fez sinal para que todos se calassem.

Logo cessou todo o barulho. E, então, o Pintassilgo pôs-se a cantar:

Alguém viu, alguém notou,
alguem cheirou, farejou
a minha comadre Lebre?
Já devia ter chegado!...
Estou tão apoquentado!...
Julgo até que tenho febre!...



Tinha apenas terminado, quando no meio do silêncio geral se ouviu uma vózita muito fraca:

«Com febre venho eu!...
Com febre venho eu!...»

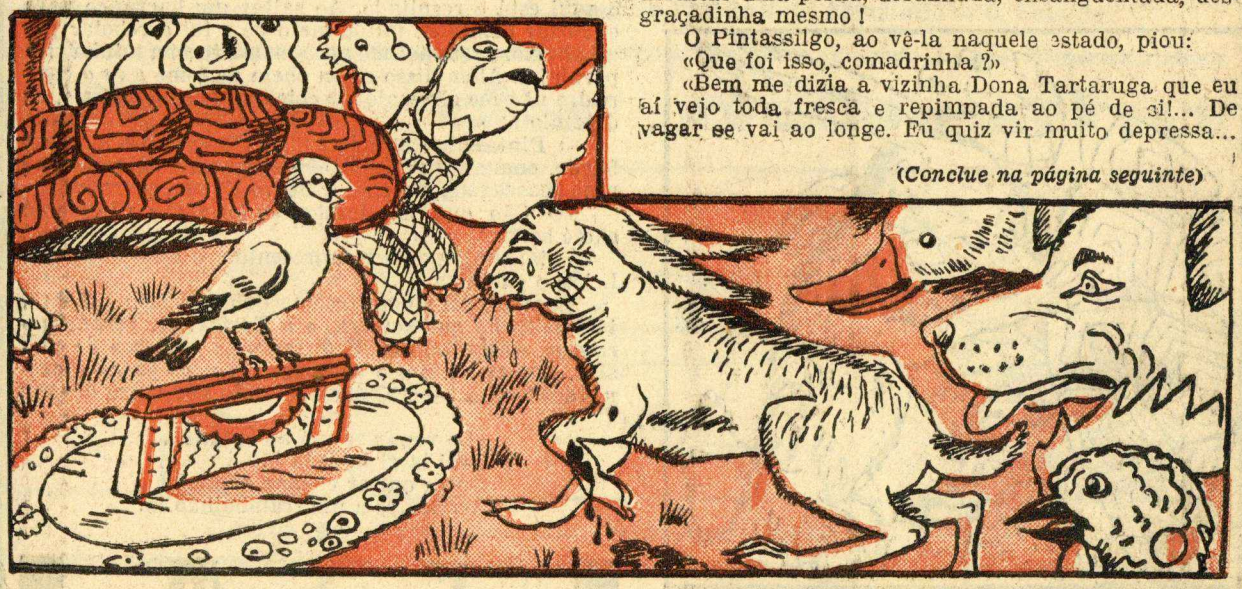
Todos os olhares convergiram para o ponto donde se ouvia a voz. E, então, viram a lebre, a coxear, a arrastar uma perna, arranhada, ensanguentada, desgraçadinha mesmo!

O Pintassilgo, ao vê-la naquele estado, piou:

«Que foi isso, comadrinha?»

«Bem me dizia a vizinha Dona Tartaruga que eu aí vejo toda fresca e repimpada ao pé de si!... De vagar se vai ao longe. Eu quiz vir muito depressa...

(Conclue na página seguinte)



SECÇÃO QUINZENAL PARA MENINAS

Queridas discípulas:

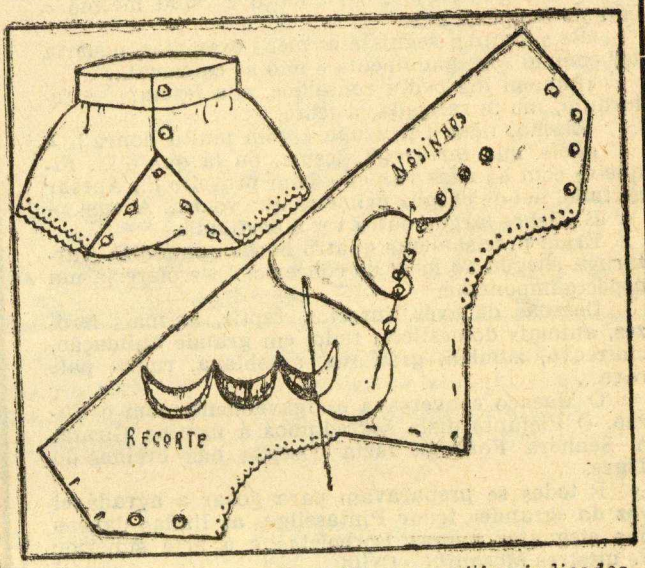
Tendo a certeza que as minhas bôas amiguinhas já executaram o primeiro modêlo que vos dei da «parure» de boneca: a camisinha, venho, hoje, apresentar-lhes o segundo, que é o de um engraçado papagaio. Qual das minh abelhinhas não se tentará fazê-lo?

Ele é tão simples que, á vista do modêlo, fácilmente o poderão talhar. Depois de ter a peça talhada, medem a largura da perna e, na borda, aplicam o recorte que se faz como na lição anterior e como o detalhe da gravura ensina, tendo sempre o cuidado de fazer os pontos certinhos e bem alinhados para que o recorte fique bem feito.

E' muito bonito as meninas habituarem-se, de pequeninas, a serem perfeitas nos seus trabalhos.

Em cima de cada recorte põem um nósinho, cuja execução passo, novamente, a explicar:

Dá-se primeiro um pequeno ponto, aperta-se a linha entre o indicador e o polegar esquerdos, puxando-a bem e enrola-se 3 ou 4 vezes á roda da agulha; espeta-se esta para baixo, segurando sempre a linha, depois puxa-se com cuidado, segurando-a o maior tempo possivel com a mão esquerda. Assim, tereis conseguido fazer um nósinho. Depois de bordado o papagaio, franze-se, ligeiramente, em cima, e prega-se a uma tira de pano da largura da cintura da boneca. Está já armado; faltam, agora, as casas e botões. Fazer uma casa com perfeição, é trabalho difícil para a vossa idade, mas podereis abri-las nos sítios indicados e caseá-las a toda a volta com o mesmo ponto de

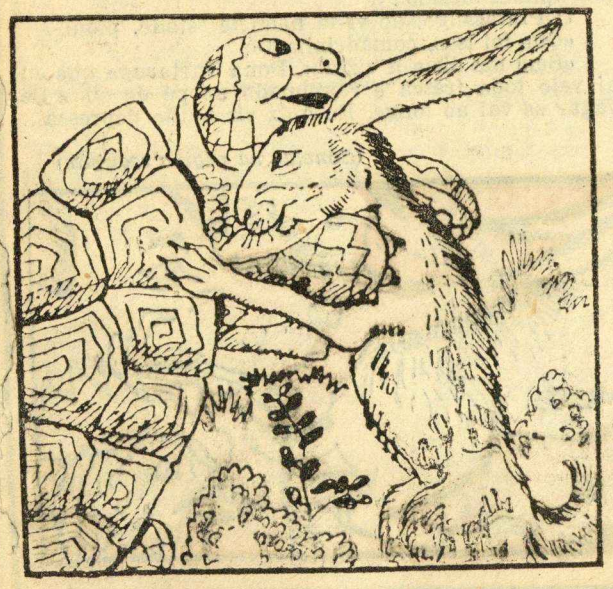


recorte pequenin . Também, nos sítios indicados, temos de pregar os botões para fechar o papagaio.

E teremos, assim, a obra concluida!

Certa de que vos dei um belo entretenimento, beija-as, a todas, com muita alegria a

«ABELHA MESTRA»



e aqui está o resultado. Ao saltar um barranco para encurtar caminho, faltou-me o pé e fui a rebolar por ali abaixo. Arranhei-me nas silvas e torci a minha rica perninha. Além disso estou cheia de fome e se o compadre não me dá qualquer coisita que se mastigue, eu desmaio !...»

O Pintassilgo mandou logo oferecer-lhe uma refeição, enquanto o Macaco se preparava para lhe dar uma massagem. E como o Burro tivesse zurrado:

«O Cão que lhe lamba as feridas!... Língua de cão é benta !...»

... imediatamente se apresentou, o Cão, que fez á Lebre o curativo.

Quando, daí a pouco, começou o concêrto, a Lebre, já refeita do que sofrera, e a Tartaruga, reconciliaram-se, abraçando-se. E durante os números de música, ambas batiam o compasso com as patas e acenavam com a cabeça, cantarolando por entre dentes:

«De vagar se vai ao longe !...
Trai la ri la ri la lão...
Quem quizer chegar depressa
Arrisca-se a um trambulhão !...

F I M

Charadas combinadas PARA OS MENINOS COLORIREM

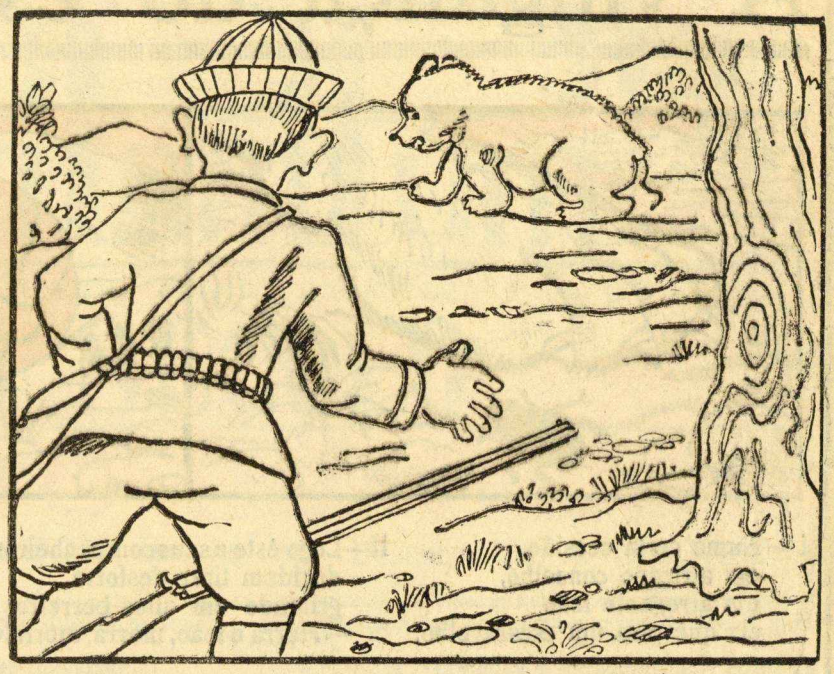
Por ARIM

\+ gro — Prêto
\+ cha — Penedo
Conceito: Imperador romano

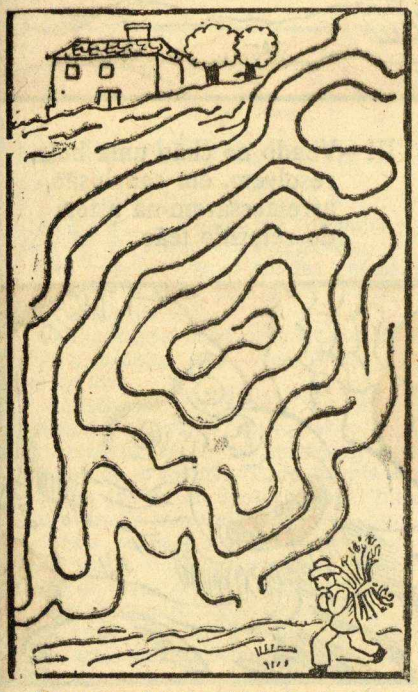
\+ ga — Feiticeira
\+ o — Curso de água
\+ la — Remoinho de água
Conceito: Imperador romano

\+ no — Instrumento de Igreja
\+ crau — Escorpião
Conceito: — Imperador romano

Solução das anteriores: — 1, Carapau — 2, Pescada — 3, Lagôsta — 4, Pintasilgo — 5, Canário — 6, Papagaio — 7, Égua — 8, Cachorro — 9, Girafa.



PROBLEMA



Meus meninos: — Este homem, que foi buscar lenha para acender a lareira, regressa à sua casa por um caminho curto e rápido. Vejam se descobrem êsse caminho.

Solução do problema anterior: Um pastor tinha 5 e o outro 7

CHARADAS EM FRASE

Por LICAS

Depois da *assinatura* ficou com a mão no *queixo* a olhar para o *céu.* — 2-2

E' uma *doença* ter um *servo descortês.* — 1-3

Esta *nota de música* proferida por esta *ave* dá *prazer.* — 1-2

Tem a *sorte* de ser suficientemente *rija para durar há sete anos.* — 2-2

Uma *onda* de *fogo* matou o *insecto.* — 2-2

A *acusada* ao *deixar a terra* pensou em *dividir.* — 1-2

O *senhor* ofereceu uma *flôr* à sua *apaixonada.* — 2-2

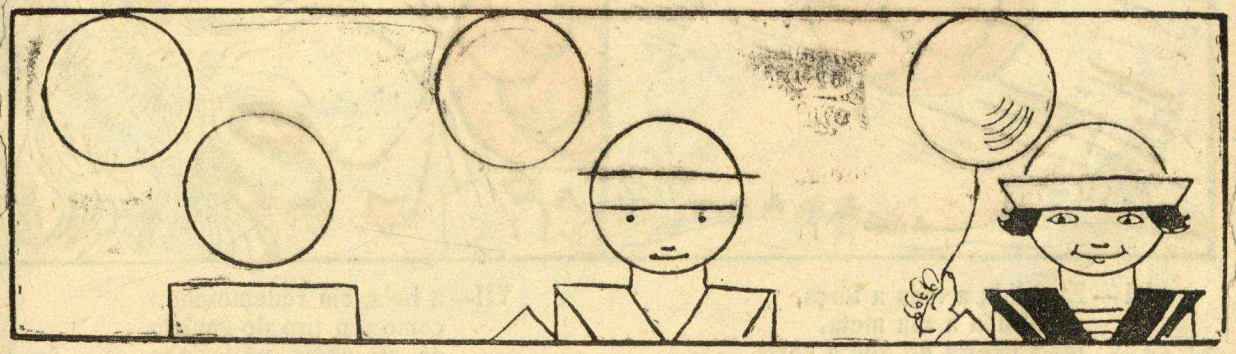
No *oceano* vi êste *circunspecto príncipe alemão.* — 1-2

Esta *ruim proprietária* faz-se passar por *santa.* — 1-2

Esta *vogal* antecede o *enviado do Papa* como um *presságio.* — 1-3

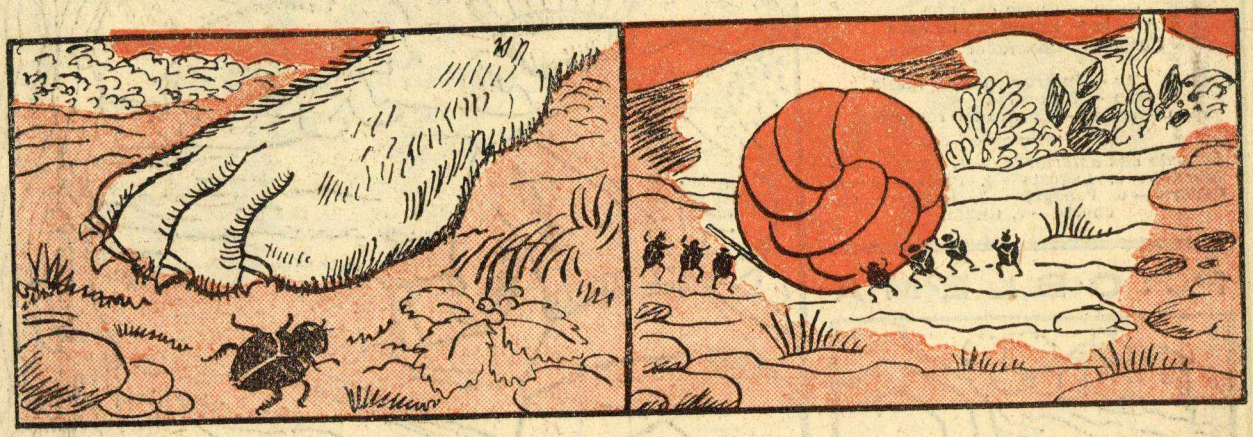
Solução das anteriores: — 1, Caramulo — 2, Odemira — 3, Sado — 4, Viana do Castelo — 5, Famalicão — 6, Caparica

Lição de desenho



Como se desenha um menino com seu balão

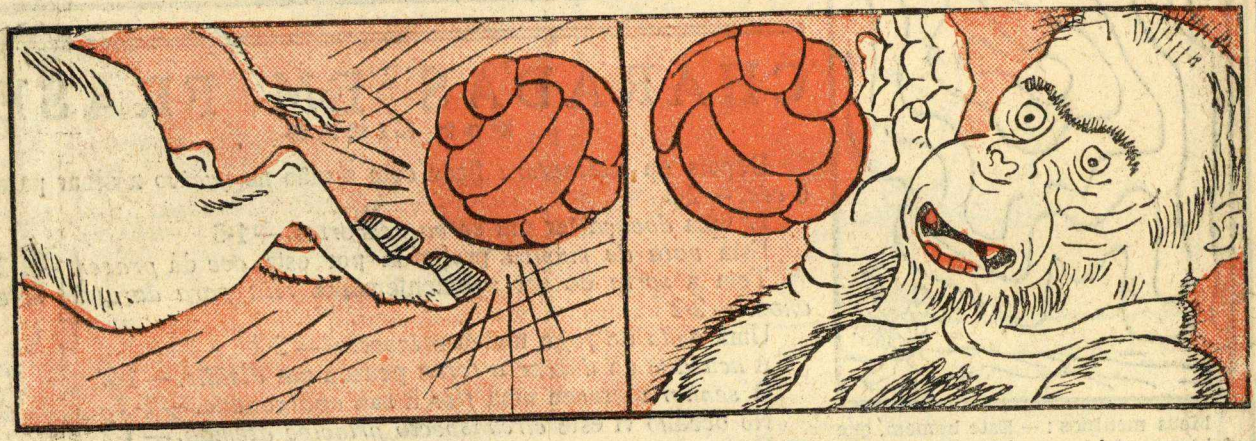
A vingança do escaravelho



I — Numa certa ocasião,
em africano concelho,
um arrogante leão
eis que pisa um escaravelho.

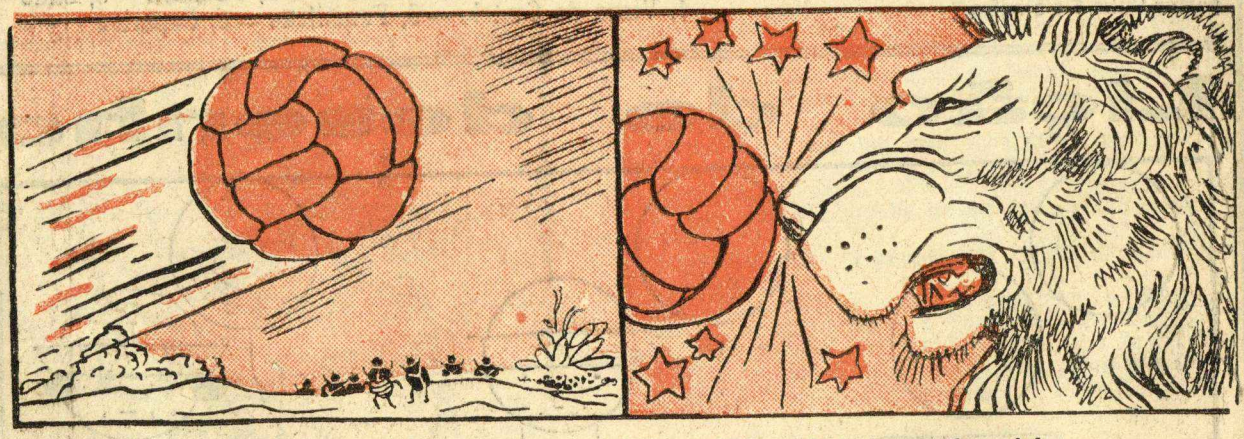
II — Logo êste e seus companheiros
decidem tirar desforra
gritando em altos berreiros:
—«Morra o leão, morra, morra!»

III — Vendo no chão uma bola,
resolvem, em conclusão,
arremessarem-na à tóla
do referido leão.



IV — Colocam-na atrás dum burro
que em dar coices é notável;
e logo êste, após um zurro,
dá um «shoot» formidável.

V — Entretanto, um chimpanzé
vendo a bola em seus redutos,
prega-lhe um tal pontapé
que o revela o Rei dos brutos.



VI — Expelida a toda a fôrça,
direitinha à sua meta,
mais ligeira do que a côrsa,
mais veloz do que uma seta,

VII — a bola, em redemoinho,
como um tiro de canhão,
dá, em cheio, no focinho
do arrogante leão.